

Remando de Santos para Floripa

A idéia desta viagem nasceu justamente quando acabávamos uma outra – afinal, nada melhor para um aventureiro do que estar com a cabeça cheia de planos e novos horizontes a serem descobertos. Estávamos chegando ao porto de Santos, após 15 dias de viagem e 480 km percorridos da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, até a cidade de Santos, no litoral de São paulo. Foram 15 dias dentro do caiaque. Óbvio que estávamos cansados, mas também estávamos com a alma lavada e com o inevitável gosto de “quero mais”.



Quando entramos na baía de Santos, pudemos avistar a próxima ponta uns 10 km adiante que marcava a divisa com a Praia Grande, por um instante a tristeza de estar acabando a aventura tomou conta do nosso caiaque e naquele momento decidimos que a próxima empreitada seria o trecho Santos-Florianópolis. Pronto, já estávamos mais aliviados por terminar aquela viagem, sabendo que dentro em breve nos lançaríamos à nova empreitada.

Infelizmente a nova aventura demorou um pouco mais do que gostaríamos para ser realizada e, um ano após concluir a Rio-Santos (em dezembro de 2002), estávamos prontos para encarar mais um trecho deste nosso litoral, conhecer novas paisagens, novas pessoas, e curtir novas aventuras.

Santos – Peruba 80km

Partimos do Clube de Regatas Santista na Ponta da Praia, local onde guardo o caiaque e que serve de base para passeios de final de semana, neste trecho contávamos com um grupo de apoio que estava nos esperando em Peruíbe e que nos deram providencial carona até o local onde estava o caiaque.

A previsão do tempo não era das melhores, com grande probabilidade de chuva e mar agitado. Mas para quem havia se proposto a remar até Florianópolis não havia a possibilidade de se dar ao luxo de estremecer somente com a previsão. Precisaríamos no mínimo pôr o caiaque na água e ver o que nos aguardava.

A primeira hora e meia foi excelente, pois neste trecho estávamos remando nas águas abrigadas da baía de Santos, o mar calmo, sem vento e somente algumas nuvens mais carregadas nos deixavam alerta, depois de cruzar a ponta e entrar na Praia Grande, estávamos a uns 8 km da costa vendo os prédios pequenos no horizonte, o mar começou a ficar mais agitado e o vento bem mais forte, mas para nossa sorte vindo de popa e ajudando em nossa remada.

Este trecho poderia ser bem monótono, já que as praias são extensas e sem nenhum costão para distrair a vista. Porém depois das 10h da manhã o mar e o vento haviam engrossado de tal forma que não podíamos nos dar ao luxo de tirar o remo da água nem mesmo para beliscar algo para

comer ou tirar o cantil para tomar um gole d'água. A atenção foi triplicada e o tédio passou longe de nós.

A vantagem é que tanto as correntes como as marolas estavam nos empurrando em direção a Peruíbe, aonde chegamos a atingir uma velocidade média de 10 km por hora e uma máxima de 18 km por hora registrada em nosso GPS. Para quem navega em caiaques, dá para se ter uma idéia de como o mar estava grosso. Passamos por Mongaguá, Agenor de Campos, etc, sem nem mesmo notar, a única coisa que chamou a nossa atenção foi a plataforma de pesca que fica alguns bons metros mar adentro em Agenor de Campos. Em oito horas já havíamos percorrido 60 km do nosso percurso.

A chegada na praia foi colossal, uma onda grande nos pegou de surpresa a uns 500 metros da areia e depois de uma surfada de lado com o caiaque eu fui ejetado do barco e o Alexandre ainda surfou alguns metros antes de perder o controle do caiaque e virar. Fui “nadando” até a praia, e nadar com o colete e segurando um remo não é tarefa das mais fáceis - na verdade as ondas foram me jogando até a areia. Apesar de ser embolado no meio de cada onda que me pegava, era um certo alívio, pois sabia que mais cedo ou mais tarde meus pés iam estar tocando a areia.

Esta brincadeira resultou em um leme quebrado e algumas rachaduras nas longarinas de sustentação do caiaque. O estrago no leme vimos na hora, a peça que dá sustentação havia se rompido nas soldas, as rachaduras fomos perceber só dias mais tarde nas praias da Juréia.



Peruba – praia do rio verde – 40km

Neste trecho recebemos a boa companhia de alguns amigos adeptos a travessias oceânicas e em quatro caiaques saímos da praia central de Peruíbe com um mar manso, quase sem ondas quebrando na arrebentação.



Era bom estarmos acompanhados por mais três caiaques nos próximos dois dias, o que garantia uma maior segurança à viagem, já que até então estávamos eu e o Alexandre remando sozinhos em um caiaque duplo. Diferente do trecho anterior, este prometia muitas paisagens e um litoral mais recortado em seu percurso. No caminho a praia de Barra do Una, toda a extensão litorânea da reserva da Juréia e um último trecho feito dentro do canal de Iguape.



A saída até a praia de Una foi tranqüila, passamos pelo Guaraú e por mais três praias desertas até chegarmos a foz do Rio Una, deste trecho em diante o vento começou a soprar forte e o mar ficou bem agitado. Lá pelo meio da praia do Una, dois de nossos companheiros começaram a ter problemas com o caiaque, um furo deixou muita água entrar o que desequilibrava o barco. Não demorou a virarem naquele mar agitado. Tentamos nos aproximar para um resgate, mas as ondulações vindas de todos os lados não deram chance a nossa tentativa. O jeito foi aportar na praia, para tirar a água do barco e se recompor.



Aproveitamos e fizemos um bom lanche. O mar foi acalmando um pouco mais, saímos para os

últimos 10 km até a Praia do Rio Verde, onde pretendíamos dormir.



Praia do rio verde – Iguape 45km

A praia do Rio Verde é ligeiramente de tombo, o que em dias com o mar mais agitado pode representar uma forte arrebentação, isso complica bastante a saída dos caiaques. Foi justamente o que aconteceu naquela manhã.

Com o mar agitado as ondas estavam entrando forte na arrebentação, eu e Alexandre fomos a primeira dupla a entrar na água e tentar encarar a saída, ficamos algum tempo tentando estudar a seqüência das ondas e sair no momento de intervalo, só que este intervalo estava escasso e desigual, na nossa primeira tentativa pegamos uma onda gigante que não nos derrubou, mas fez o caiaque ir para trás e ficamos virados de lado, o que foi o suficiente para a próxima onda nos varrer até a areia...

Cinco minutos depois estávamos a postos novamente para tentar mais uma vez, a primeira onda veio muito forte, me pegou em cheio no peito. Senti minhas costas e minha cabeça serem jogadas fortemente para trás, na seqüência veio outra tão forte quanto a primeira o que me deixou sem ar por intermináveis segundos. Mas o caiaque se mantinha em linha reta, apesar de não estarmos conseguindo ir para frente, na terceira onda fomos arrastados para trás, os braços estavam “tijolados” como dizem no alpinismo: eles simplesmente se recusavam a se movimentar e eu não consegui dar nem mesmo uma remada. Quando vimos estávamos quase na areia de novo. Virei para o Alexandre para dizer que precisava descansar alguns minutos, que não agüentava mais remar e nem tomar água na cara, quando senti a mão do Fuchs no caiaque nos empurrando para frente e gritando que tinha uma brecha. Remamos feito loucos e conseguimos sair na terceira tentativa sem nenhuma onda quebrando sobre nós. Na seqüência, os caiaques foram saindo um a um e fomos nos juntando em direção a Praia da Juréia e a Iguape.

Novamente o vento e a corrente estavam a nosso favor e navegávamos a bons 8,5 km, a preocupação agora era a entrada na Barra de Iguape, sabíamos que não ia ser fácil, pois um banco de areia deixava as ondas quebrando 4 km mar adentro e nossa tarefa seria tentar achar um canal natural pela barra e conduzir os caiaques até águas mais abrigadas.

Antes da barra de Iguape, tivemos que passar pela barra do Rio Ribeira, onde pegamos um mar bem desencontrado e ondulações bem mais fortes, neste trechos nossos amigos do “caiaque submarino” viraram novamente pelo excesso de água que ia se acumulando nos compartimentos estanques, mas desta vez conseguimos juntar um caiaque de cada lado para efetuar o resgate.

Depois de seis horas de remo chegamos à barra entre Iguape e Ilha Comprida, tentamos achar de longe um caminho natural no meio daquelas ondas, mas sentado dentro do caiaque a 6 km da costa fica bem difícil achar qualquer coisa, o nosso “boi de piranha” e o mais corajoso Fuchs, foi na

frente e conseguiu descer umas duas ondas surfando com o seu caiaque e chegar até a areia, seguido pelos outros que cada um ao seu modo, com capotagens e tudo mais também chegaram sãos, salvos e molhados na areia da praia, nós não tínhamos conseguido achar a “entrada natural” do canal, mas chegamos perto.



Dali onde havíamos aportado ainda teríamos mais 15 km até a cidade de Iguape. Mas seriam 15 km tranquilos por dentro do canal. A maré estava a nosso favor, o que pode ser crucial quando se navega por estes canais que são muito sujeitos a elas. A relativa tranquilidade do canal foi substituída por enormes nuvens negras que começavam a formar uma boa tempestade de verão e realmente esta chuva pegou alguns de nossos companheiros que vinham mais atrás. Chegamos à cidade de Iguape com vista da igreja que está próxima ao canal, eram 18 h. e os sinos estavam tocando e em uma gravação um tenor cantava a Ave Maria, um final perfeito para um dia que começou bem agitado.



Iguape – cananeia – 62km

Neste trecho nossos companheiros já haviam partido e agora era somente eu e o Alexandre em nosso caiaque duplo. Daqui para frente seriam 200 km até a baía de Paranaguá, somente por águas abrigadas.

Escolhemos este trecho porque a parte de fora, toda a extensão da Ilha Comprida, Ilha do Cardoso e Ilha do Superagui, já nos eram conhecidas pela parte da praia, então resolvemos remar pelos canais, o que tornaria o percurso um pouco mais longo, mas com uma paisagem inédita para nós.

Neste dia a neblina tomou conta de quase todo o percurso, dando ao canal um tom bem misterioso, a maré não nos ajudou e nem tão pouco nos atrapalhou neste dia, vimos os primeiros golfinhos do percurso e com apenas uma parada chegamos sem maiores problemas em Cananéia, um dia longo de 60 km, mas muito tranquilo. Sem contar que um comitê de boas vindas formado pela Simone nos

esperava na cidade com refrigerantes gelados e uma boa porção de camarão. No domingo tiramos o dia para descansar e reparar as rachaduras que apareceram no fundo do caiaque em nossa aportagem em Peruíbe dias atrás.

Cananeia – arariri – 45km

Acordamos cedo neste dia e conseguimos uma carona providencial para nossa bagagem com o Tiago, dono do Restaurante Casarão em Cananéia - gente muito boa que nos ajudou bastante, já que estávamos hospedados a umas quatro quadras do canal e ficar transportando toda nossa tralha ia ser trabalho cansativo. Neste trecho se juntara a nós mais um companheiro, Adelson, que remou durante dois dias conosco.



Depois de tudo ajeitado, partimos em direção a Ilha do Cardoso, um parque estadual a 38 km dali, a nossa intenção era almoçar na ilha e de lá prosseguir até a vila do Ariri. Logo nas primeiras horas uma garoa forte e insistente se juntou a nós, reduzindo bastante a visibilidade. Mesmo assim, conseguimos ver alguns golfinhos que são abundantes nesta região.

O trecho até o Cardoso é magnífico, passando pela Ilha das Peças e o seu canal, que diferente do trecho entre Iguape e Cananéia, apresenta várias curvas e paisagens mais preservadas. Depois de 6h30 chegamos ao Marujá, ponto de chegada para as pessoas que vêm visitar a Ilha. O lugar já estava repleto de pessoas, sabíamos que dali para frente com a proximidade do ano novo e a época de férias todos os lugares estariam cheios, isto poderia nos trazer algum problema quanto à acomodação para nosso merecido descanso.

Diante da “muvuca” do Cardoso, resolvemos ficar pouco tempo por lá e nos dirigimos para o Ariri, remada que nos custou pouco mais de hora e meia e às 16 h estávamos encostando num trapiche e prontos para um merecido descanso.

Ariri – Ilha das peças – 50km

Neste dia a intenção era pernoitar na Ilha do Mel na Praia do Farol, mas a forte correnteza contrária e uma mudança no percurso nos permitiram chegar somente até a Ilha as Peças, na verdade

localizada bem em frente à Ilha do Mel.

Logo na saída nosso caiaque não estava rendendo mais do que 4,5 km por hora, e esperar a mudança da maré não era das melhores opções, já que ela ia mudar somente depois das 14h e ali, de um jeito ou de outro, estávamos indo para frente...

Depois de sairmos pelo canal do Varadouro entramos na maravilhosa Baía dos Pinheiros. Meu Deus, quanto água junta! Deparamo-nos com uma baía enorme repleta de golfinhos, e ficamos um bom tempo observando. O Alexandre, como bom biólogo, não tirava os olhos daquele show.

Nossa intenção neste dia era, passada a Baía dos Pinheiros, virarmos à nossa esquerda para passarmos pelo canal do Superagui em direção a Praia do Farol na Ilha do Mel. Isto nos economizaria uns 10 km do que se fossemos bordeando a Ilha das Peças pelo canal das Laranjeiras. Porém a carta náutica nos indicava um grande banco de areia na saída do canal e ondas quebrando por toda extensão. Já havíamos perguntado para alguns pescadores sobre a passagem e as opiniões não eram muito favoráveis, embora às vezes as pessoas tendam a subestimar o poder de navegação de um mero caiaque e, o que para elas parece impossível, é tão somente pela análise da embarcação em que estávamos.

Mas chegando à Baía dos Pinheiros resolvemos encostar na Ilha do mesmo nome e tirar a dúvida, mais uma vez, um pescador muito simpático que morava na pequena ilha com a família, nos desaconselhou a seguir este caminho, disse que até barcos de pesca já haviam virado na passagem do canal e que no mês anterior um lancha de turistas havia sido perdida. Considerando estes fatos, resolvemos dar a volta maior, seguindo pelo Canal das Laranjeiras que desemboca na Baía de Paranaguá, sem barras para atravessar e a certeza de um percurso bem mais tranquilo. Porém, com isto não chegaríamos a Ilha do Mel. No máximo conseguiríamos chegar até a Ilha das Peças à noite.

Quando estávamos há uma hora da ilha, um temporal desabou sobre nossas cabeças. A sorte é que foi curto. Mas o vento atrapalhou bastante um trecho cansativo aonde já se iam 10 horas de remada. Nos instalamos em nossa barraca e comemos um super prato-feito com direito a camarão e show de golfinhos em frente ao nosso “restaurante”. Teríamos que compensar os 10 km perdidos neste dia no próximo, nossos dias agora eram contados para chegarmos em Florianópolis.

Ilha das peças – Guaratuba PR– 55km

Acordamos às 4h30 da manhã, o que se tornaria rotina no restante da viagem, e às 6h já estávamos prontos para começarmos a remar. O dia prometia ser longo, mas não esperávamos tanto...

A saída da Baía de Paranaguá foi tranquila e uns 12 km depois já havíamos passado o porto de Paranaguá, que só vimos ao longe e chegávamos a saída da Barra em direção ao mar. De longe já estávamos notando um movimento estranho na água, mas sem conseguir definir o que era, alguns km mais à frente pudemos ver as ondas quebrando por kms e com força onde se formava o banco de areia para a saída do mar. Resolvemos abrir o quanto podíamos para evitar o banco de areia, não pelo fundo do caiaque, que possui baixo calado e navega com centímetros de água, mas pelas ondas que estouravam fortes.

Depois de abrir por uns 5 km, achamos uma brecha entre o banco de areia da saída e um segundo banco alguns km mais ao fundo. Com extremo cuidado, pois o caiaque sacudia de um lado para outro e corríamos o risco de pegar uma onda a qualquer momento, navegamos durante uma hora até a coisa se acalmar e podermos respirar um pouco.

Nosso destino era visível no horizonte: a Ponta de Caiobá. Mas a alegria de vê-la aos poucos foi se

transformando em desânimo, pois foram horas remando, sem maiores mudanças na paisagem e a tal Ponta não se aproximava. São nestes momentos que a capacidade de falar besteiras e se divertir com pouco surgem: passamos boas horas contando piadas ridículas e se divertindo.

Depois de muito insistir e passando pela bela Ilha do Curral, conseguimos chegar até a Ponta de Caioba, mas nossa alegria durou pouco, nossa intenção era entrar colados na ponta e logo virar para a praia da Enseada, mas um enorme banco de areia mudou nossos planos. Mais uma vez tivemos que abrir alguns quilômetros mar adentro para desviar do banco e de longe tentar achar o melhor caminho para entrar no Canal da cidade de Guaratuba. A esta hora do dia, depois de ter remado uns bons 45 km, a mente já havia avisada ao nosso corpo que a parada ia ser ali, depois daquela ponta. Mas chegar lá e descobrir que tínhamos que dar uma tremenda volta para chegar em nosso objetivo, foi um duro golpe.

Olhando o canal um pouco mais de longe tentávamos achar por onde passar no meio daquelas ondas, mas nossa observação estava sendo em vão, nenhum caminho se mostrava lógico o suficiente para entrarmos. Depois de um tempo vimos um barco de pesca se aproximando, remamos em sua direção na esperança de obter alguma dica de como entrar naquilo. Chegando perto do barco, a resposta que obtivemos não foi animadora: “Olha, o barco de vocês pode até agüentar, mas sem motor para ‘correr’ das ondas vai ser difícil”. Vendo nossa cara de desapontamento, o barqueiro não demorou a nos oferecer um reboque, coisa que aceitamos prontamente, mas que acabou nos causando muito arrependimento.

A abordagem do caiaque para subirmos no barco de pesca não foi das melhores. O mar mexido empurrava um barco contra o outro e apesar dos 7 metros de comprimento de nosso caiaque, ele não chegava nem aos pés do pesqueiro. Subimos rapidamente deixando tudo a bordo, somente retiramos os remos, ainda tentei pegar meu GPS, mas ele estava amarrado em dois pontos no convés e eu não tive tempo de desamarrá-lo. Rapidamente amarramos o caiaque atrás do barco e no começo ele vinha tranqüilo surfando algumas ondas atrás de nós. Mas aos pouco o mar foi crescendo mais, o caiaque agora surfava e as vezes emparelhava com o barco de pesca, o Alexandre fazia um esforço tremendo puxando a corda de reboque para evitar que o caiaque nos ultrapassasse e conseqüentemente emborca-se, em uma das surfadas ele veio contudo na popa do pesqueiro batendo com o bico o que abriu uma boa rachadura, depois ele virou umas duas vezes e nós assistindo nossas coisas penduradas no caiaque e sendo arrastadas no mar. Ficamos de prontidão, caso a corda arrebentasse, para pular na água e resgatar nosso precioso barco. Mas depois de umas duas emborcadas ele virou na posição correta e o mar foi acalmando. Já dentro da baía não agüentávamos mais ver o caiaque ser arrastado e, agradecendo pela carona, pulamos na água e fomos medir os danos.

Além do bico quebrado, só tivemos um cantil perdido e o GPS alagado (que não viria mais a funcionar). Até que pelo sufoco que o caiaque havia passado o saldo era bem positivo. Encostamos um pouco antes do centro da cidade de Guaratuba e graças a simpatia das pessoas do local, conseguimos achar um quatinho p/ ficar e ajuda para carregar nossas tralhas até lá. A noite ainda fomos visitados por dois velejadores da região o Álvaro e seu irmão Ronaldo, que nos mostraram a cidade e deram importantes dicas de como sair por aquele canal.

Guaratuba – Barra do Sai - 25km

Acordamos às 5h da manhã, havíamos ido dormir a meia-noite, estávamos cansados pelo stress do dia anterior e a previsão ainda era de uma frente fria chegando. Depois de um breve dilema entre sair ou não sair para o mar aquele dia, uma ponta de sol nos convenceu rapidamente a as 8 horas estávamos começando a navegar.

A saída pelo “canal maldito” foi bem mais tranqüila: seguindo as valiosas dicas de nossos amigos e aproveitando o baixo calado do caiaque, saímos bem próximos a praia onde não havia nenhuma onda quebrando e aos pouco fomos ganhando mais profundidade até ter deixado totalmente o banco de areia para trás. Como estávamos espertos em relação a frente fria, que devia ter entrado às 6h da manhã mas até aquela hora nada, fomos navegando bem próximos à arrebentação e até estabelecendo algum contato com nosso brothers surfistas. Próximo ao meio-dia, o céu estava negro e de uma hora pra outra um forte vento veio em nossa direção, nos pegando bem de frente.

Não tivemos tempo de fazer muita coisa e, em poucos minutos, já havíamos entrando na arrebentação da praia e estávamos na areia. A chuva veio forte e o vento acompanhou o seu entusiasmo. Havíamos feito a metade do percurso que planejamos para este dia, mas com aquelas condições era impossível prosseguir. Por sorte arrumamos um lugar para ficar e depois de comer uma bela feijoada, feita por nós, fomos dormir com o dia ainda claro.

Barra do sai – Ilha de São Francisco do sul SC- 30km

Saímos às 6h30 com a esperança que a previsão estivesse certa, pois indicava melhoras no clima. A princípio havíamos calculado umas 2h30 para chegarmos até a praia da Enseada na Ilha de S.F.S., mas o vento forte soprando contra nós nos custaram boas cinco horas de remo. No caminho passamos por uma estrada de cargueiros que adentravam a baía em direção à Joinville. Desembarcamos na Enseada às 11h30 e o próximo bom ponto de parada era a Ilha do Remédios, 32 km a frente e mais sete horas de percurso.

Como estávamos no dia 30 de dezembro, a cidade estava repleta de pessoas, carros com o som no último volume, fogos a todo momento e muita, muita bagunça. As nuvens vindas da serra continuavam carregadas e o vento forte e pelas informações que havíamos pegos os próximos 30 km seriam de uma única praia com ondas fortes e bem complicado para fazer uma aportagem de emergência em caso de mau tempo. Então decidimos ficar por ali aquela noite, apesar de ainda termos umas sete horas de claridade... Doce erro! Depois das 14h, o tempo abriu, o vento parou e um sol de rachar apareceu no céu, para nos restou ficarmos nos lamentando e curtindo um Axé alheio tocado no ultimo volume.

A noite tivemos nossa primeira tempestade de verão com direito a muitos raios e trovões, sem contar a água que não parava de cair, ficamos na incerteza se seria possível prosseguir no dia seguinte.

Ilha de São Francisco do sul – Ilha dos Remédios SC – 32km

Acordamos com uma chuva constante sobre o teto da barraca e já ficamos um pouco desanimados, pensar em passar a virada do ano ali, com aqueles nossos vizinhos barulhentos não era a idéia que mais nos agradava. A vontade de sair dali era tão grande que depois de uma rápida olhada nas nuvens em volta chegamos a conclusão que valia a pena tentar e arrumamos as coisas debaixo da chuva persistente.



Às 7h30 estávamos navegando, estávamos tensos pois não sabíamos se dali há algumas horas teríamos que retornar com o rabo entre as pernas de volta para os nossos vizinhos. Depois que contornamos a ponta da Ilha, ficamos novamente expostos ao vento sul e ele vinha forte bem em nossa proa, as nuvens a nossa frente estavam negras e uma garoa nos acompanhava.

Depois de algumas horas as coisas foram se acalmando e pudemos remar um pouco mais sossegados. A uns 10 km da Ilha dos Remédios, cruzamos com um barco de pesca que se aproximou de nós e perguntou de onde estávamos vindo HOJE. Estranhei a pergunta pois a maioria das pessoas perguntavam simplesmente da onde estávamos vindo. Ele explicou que havia ouvido no rádio VHF que dois malucos estavam vindo de Santos em um caiaque. Explicamos que não éramos malucos, só não tínhamos o que fazer nas férias. Ele ainda insistiu em nos dar uma carona até a Ilha, insistiu bastante, mas o mar estava bom e não tínhamos a mínima pressa de chegar, então recusamos e seguimos vagarosamente.

Perto da hora do almoço chegamos a Ilha dos Remédios e descobrimos um lugar muito agradável e decidimos passar a noite de ano novo ali! Mas nossa noite de ano novo se resumiu a conferir a previsão do clima para o dia seguinte (que era péssima), deitarmos às 18h, acordar à meia-noite com o barulho dos fogos da praia em frente, e voltar a dormir até às 5h da manhã.

Ilha dos Remédios

No dia 01 de Janeiro de 2004 o dia amanheceu muito ruim, o vento muito forte e uma chuva caindo lá fora. Nem saímos da barraca, dormimos mais algumas horas e lá pelas 10h da manhã fomos verificar se a coisa tinha melhorado.

A chuva havia cessado, mas o vento e o céu estavam bem carregados. Fomos até a ponta sul da ilha onde poderíamos ter uma visão mais ampla para o mar aberto, depois de uns 20 minutos de caminhada chegamos ao nosso visual. Vários carneirinhos (ondulações que levantam uma pequena crista na onda por causa do vento) vinham de todos os lados, e o vento era absurdo, chegando a nos desequilibrar. Diante daquele visual não tivemos outra alternativa senão voltarmos para barraca e esperar o tempo passar.

A chuva voltou a tarde e se estendeu por boa parte da noite.

Ilha do Remédios – Praia Vermelha SC – 42km

A previsão nos indicava que as condições do mar só iriam ficar perfeitas a partir do dia 06 de

janeiro, mas como tínhamos somente até o dia 05 para chegar em Florianópolis e ainda uns bons 130 km a percorrer, acordamos bem cedo e colocamos a cara para fora. O vento havia diminuído, mas as nuvens negras estavam assustadoras. Como se ficássemos mais um dia parados não chegaríamos a Florianópolis tínhamos que arriscar neste dia... Ô, vida!

Arrumamos todas as coisas ainda a noite e quando zarpamos e saímos da parte abrigada da Ilha já pudemos sentir que o dia não ia ser moleza. O caiaque ia “furando” as ondas, que estavam altas e lavavam nosso convés a todo instante, o céu atrás de nós estava negro como a noite e a nossa direita podíamos ver uma boa chuva. Mas lá na frente, lá pára onde estávamos indo, tínhamos a impressão, não muito segura, que uma janela de céu azul começava a aparecer.



Nosso objetivo era ir costeando não muito perto e nem muito longe para ter um escape para o caso daquele céu desabar. Avistamos Barra do Sul, Barra Velha, e, depois de avistarmos Penha, o clima começou a melhorar: as ondas baixaram e pudemos nos afastar mais da costa e abrir direto para Ponta da Armação.

Pelos nossos cálculos, depois daquela ponta estaria a Praia Vermelha e, no canto direito desta praia, uma boa opção para um desembarque e para pernoite. Mas as horas foram se esticando e com vento e maré contra nosso progresso era ridículo. Foi neste ritmo que chegamos, por volta das 16h, na Ponta da Armação.

Quando atravessávamos o costão um fato curioso aconteceu: um rapaz a bordo de um jet-ski veio em nossa direção com o motor a toda (graças aos céus ele conseguiu freiar a tempo) e nos perguntou de onde estávamos vindo. Depois de explicarmos a história toda, ele ainda perguntou, inconformado: “Mas porquê?”. Esta pergunta nem nós sabíamos responder direito...

Perguntamos a ele como estava para entrar na Praia Vermelha e ele nos desanimou, disse que estava com 1,5 m. de onda quebrando e nem os surfistas estavam entrando. Decidimos então seguir para a cidade de São Miguel, umas duas horas para frente, mas com a certeza de um bom lugar para estacionar. E, afinal de contas, nem estávamos muito cansados: estávamos mortos!

Depois de uns 40 minutos o rapaz voltou no seu jet-ski e disse para nós que havia falado com o pai dele e este havia liberado o gramado da casa para montarmos nossa barraquinha. A casa ficava bem no canto da Praia Vermelha e, como havíamos visto no mapa, era um bom lugar para parar. O descanso veio em boa hora e melhor ainda a Paella que nos foi servida em um prato imenso.

Montamos a barraca embaixo de umas árvores com a companhia de duas cobrinhas cipós. Mais a noite ainda nos ofereceram uma garrafa térmica de café com leite, lanches e bolo. Ficamos

admirados com a hospitalidade destas pessoas e, diga-se ainda, que tanto as pessoas do litoral de São Paulo, Paraná e Santa Catarina foram muito prestativas e solidárias com a gente e nossa viagem, sempre nos ajudando em tudo que podiam.

Restavam agora dois dias para chegarmos em Florianópolis e o clima estava se firmando. Só faltava parar aquele vento sul que insistia em nos empurrar para trás.



Praia vermelha – Bombinhas – 55km

Saímos bem cedo e pela primeira vez conseguimos ver o sol nascendo no mar (pela primeira vez não tínhamos uma série de nuvens encobrendo este momento). Quando eram umas 6h15 já estávamos a plenos pulmões em nossa remada e o espetáculo foi divino. Algumas nuvens mais escuras, que não chegaram a atrapalhar a nossa vista, davam um tom ainda mais bonito. Aquele dia prometia ser de deserto, pois é a sensação que você tem quando se está no mar e o sol escaldante acompanha seu caiaque durante todo o dia.



No percurso do dia passaríamos por Navegantes, Itajaí, Camburiu, entre outras praias, mas todas ao longe. O dia ia ser muito comprido e abrimos ao máximo e direcionamos a proa do caiaque em direção a Bombas.

Chegando em Itajaí e bem longe das praias nos deparamos com mais um porto e mais uma saída de cargueiros. Já havíamos passados várias entradas de portos, Santos, Paranaguá, na Ilha da São Francisco do Sul. Mas todos eles possuíam bóias de sinalização e você sabe exatamente por onde os

cargueiros vão entrar e sair do porto e ficar na frente de um destes com um caiaque em pleno mar não é das mas melhores idéias.

Mas na entrada do porto de Itajaí não existiam bóias de sinalização e um canal de uns 4 km, por onde os navios estavam saindo para a esquerda, para frente e para direita, nos preocupou. Com aquela correnteza, calculamos pelo menos uma hora para atravessar o canal e sair da “mira” dos navios. Ficamos estudando a velocidade com que os navios saiam e o intervalo entre eles. Depois de dois navios que haviam saído e um que havia entrado, fomos nos aproximando da zona mais crítica, já tendo na vista um novo navio que começava a sair. Remamos rápido, mas o dito cujo do navio, que se chamava Capitão Salinas, insistiu em vir em nossa direção. Aproximamos para a praia e remamos uns 40 minutos feito loucos e só tivemos tempo de ouvir a proa do cargueiro cortando a água e ela passou a uns 150 metros de nós. A ondulação provocado por ele ainda nos fez rebolar para não virar o caiaque. É claro que a tripulação nem se deu conta do nosso apuro, mas passado o susto atravessamos o canal rapidinho.

Agora já podíamos avistar a ponta da península que separava Bombas da enseada de Bombinhas. A intenção mais uma vez era de virar a ponta e entrar para Bombinhas. Foi nos aproximando de lá que avistamos com clareza pela primeira vez Florianópolis. Agora faltava bem pouco!

Mas ao virarmos a ponta demos de cara com uma praia muito lotada e, a contra-gosto do meu companheiro, afinal já estávamos cansados, resolvemos esticar um pouco mais e entrar na Enseada dos Zimbros. Esta sim que resguardava a cidade de Bombinhas. Mas isto nos custou mais duas horas de mar calmo - dentro de uma enseada maravilhosa é verdade, mas a brincadeira acabou cansando muito. A visão de Florianópolis agora era total, calculávamos mais umas duas horas de remo até lá. Por um momento até cogitamos seguir em frente e chegar à noitinha em Canasvieiras, mas preferimos aproveitar um pouco de Bombinhas.

Contudo, chegando na pequena cidade, não conseguimos um único lugar para ficar. A sugestão que nos foi dada por algumas pessoas, que não sei como estavam sabendo da nossa jornada e vieram conferir de perto na praia, era de montarmos nossa barraca em qualquer canto pela praia mesmo e pernoitar por ali. Esta idéia não nos agradou muito: o lugar era movimentado e, além do mais, havíamos passado por uma pequena praia deserta há uns 40 minutos atrás. Depois de fazer uma pequena compra no supermercado local, fomos para a nossa praia - que aquela hora do dia estava sem ninguém! Maravilha.

Bombinhas – Florianópolis – Governador Celso Ramos SC – 35km

O dia hoje prometia ser tranquilo. Mas esta promessa foi quebrada logo nas primeiras remadas: um vento forte vindo do continente deixou nossa navegação complicada, pois ele nos pegava bem de lado e tínhamos que ficar bem atentos para não tomar um banho bem no final da viagem. Só sei que nossa previsão de duas horas se esticaram para quatro horas de remada e, às 11h da manhã, estávamos aportando na areia da praia.

O lugar estava entulhado de gente, guarda-sóis, vendedores... um impacto! Escolhemos uma faixa na água, que era reservada para a saída daquelas bananas que puxam os turistas, pois não estávamos a fim de atropelar ninguém na nossa chegada.



Subimos o caiaque na areia do lado de um barzinho, prontos para comemorar com uma cerveja e uma porção de camarão, porém o preço de R\$ 27,00 uma porção nos fez migrar para a batata frita mesmo. Não importa, estávamos contentes por mais uma idéia ter saído de nossas cabeças, um pouco insanas às vezes, e ter se tornado realidade. O engraçado foi um grupo de turistas que, vendo nossa chegada, resolveu se aproximar e, ao saber da história, não acreditavam que havíamos feito tudo aquilo, nem que estávamos acabando a viagem bem naquela hora, naquele lugar e em companhia deles. Eles ficaram tão contentes quanto a gente!

Depois de umas duas horas naquela vida boa, ainda tínhamos que remar mais um trecho, até uma cidade em frente que se chama Governador Celso Ramos, pois íamos deixar o caiaque ali para um amigo nosso, o Paulo - santa pessoa e fabricante de caiaques da marca Akula ali na cidade - despachar o nosso brinquedo por uma transportadora de volta para São Paulo.

Depois de mais três horas de remo chegamos no local. O último ônibus de volta para Floripa já havia saído. Restava-nos perder um dia de serviço em São Paulo, rezar pela compreensão do chefe e tentar o primeiro ônibus do dia seguinte. Mas valeu a pena!



Remadores

- **Alexandre Stus:**
27 anos, biólogo, já realizou expedições no Chile, Bolívia e Perú, escalador de rocha e praticante de canoagem oceânica e em corredeiras. Remando já fez o percurso Rio de Janeiro-Santos (2002), Santos-Florianópolis (2003/2004) e outros percursos.
- **Agnaldo Gomes:**

32 anos, Geógrafo, já participou de expedições à alta montanha na Argentina, Chile, Perú e Bolívia. Praticante de canoagem a 4 anos, tendo participado da expedição Rio de Janeiro-Santos (2002), Santos – Florianopolis (2003/2004), volta da Ilha Grande em (2000), volta na Ilha Anchieta e outros percursos.

Equipamentos

Coletes Salva vidas

Remos

Bomba d`água

Esponjas

Saias de Neoprene

Bússolas

GPS

Carta topográfica

Barracas

Fogareiro MSR

Panelas

Isqueiros

Garrafas de Benzina

Talheres

Papel Higiênico

Saco Plástico

Toalha molhada

Head Lamp

Sacos estanques

Garrafas d`água

Camel Back

Óculos escuros

Máscaras + snorkel + nadadeira

Boné

Papete

Sapatilha

Canivete

Sacos de dormir

Farmácia: dramin, esparadrapo, vaselina, anti séptico, vitamina C, hipoglós, pasta d`água, bandaid, algodão, protetor solar de boca, dorflex, repelente, protetor solar